

O Coronavírus e o Mundo Paralelo

Annibal Amorim
Médico. Doutor em Saúde Pública

Dizem que algumas descobertas são fortuitas e “ocorrem por acaso”. Dizem por aí, que Isaac Newton descobriu a lei da gravidade porque enquanto descansava à sombra de uma árvore uma maçã caiu na sua cabeça. Intrigado Newton começou a investigar a partir deste fato empírico. Acredita-se que o mesmo sucedeu com a descoberta da penicilina, associada aos efeitos curativos de um cogumelo.

Devido à grave crise sanitária que vivemos, me submeti a uma quarentena voluntária, passei a trabalhar à distância e, por causa do Coronavírus (COVID-19), tive a minha descoberta: “descobri que o Brasil se transformou em um mundo paralelo”.

Demos nosso primeiro passo em direção ao “Brasil paralelo” quando diante das evidências de um candidato sem quaisquer predicados - sem história política; sem realizações em quase 3 décadas de parlamento; sem formação cívica (apesar das horas em que estive no Exército); sem respeito aos seus concidadãos; sem ética com a coisa pública -, lançar-se candidato com partido de aluguel, com apelos ao desrespeito das regras e desconsideração pela (mínima) noção de responsabilidade, junto à república que aspirava dirigir. Assim, aceita sua candidatura, como tragédia e como farsa, demos um passo em direção ao “Brasil do mundo paralelo”.

A campanha, logo deu sinais preocupantes do muito terreno que seria percorrido, até que as mídias sociais fossem invadidas por hordas de robôs importados, disparando como “armas digitais” toda imundície que uma campanha era capaz de suportar. Outro fato chamou atenção na caminhada para o “mundo paralelo”: nenhuma autoridade falou nada que se opusesse a este vergonhoso ciclo de mentiras e inverdades. A mentira, repetida de forma robótica, assumiu ares de verdade, e outra característica, a da desconstrução das fronteiras da dignidade foram atravessadas, nos conduzindo com maior aceleração, aos limites tênues entre “realidade e ficção”, onde tudo pode e tudo se interpenetra. Onde a desfiguração não é figura de retórica, faz parte de nosso cotidiano e transforma verdade em pós-verdade, e a “fake-news” de ontem é servida em bandeja de prata hoje, por apoiadores que empregam exército robótico de “outro universo”.

Perceberam os primeiros sinais de onde estamos chegando? Queria crer que haveria uma “dose extra de bom senso” escondido em algum lugar do Brasil - aliás é curioso que na inauguração de uma rede de TV no país o B de Brasil já tenha sumido -, dando ancoragem à frágil democracia em nossa terra.

Acaba-se a eleição, e ao invés de uma pessoa, de carne e osso, elege-se uma entidade “fantasmagórica”, um “mito”, por assim dizer, algo que não se pode ver e apalpar, mas dá pra sentir de longe que não é verdadeiro, porque o mito guarda a noção de falsa crença. Esperava-se que seu cargo o conduzisse a um

“banho de realidade”, ledão engano. Entramos de vez no “mundo paralelo”. Havia sido eleito o “presidente de um Brasil paralelo”.

Como justificar que “mandatário” de governo, em meio a uma das maiores (senão a maior) crise sanitária enfrentada na *Terra Brasilis*, provocada pela pandemia do COVID-19, desrespeite as recomendações de autoridades da saúde? Como classificar seus gestos senão como desequilibrados, destemperados, desarticulados, quando indica sempre à população o oposto do que é necessário. Só algo da ordem (ou seria desordem?), algo etéreo, seria capaz de desobedecer a barreira sanitária, não é mesmo?

“Por essas e por outras” nos encontramos, queiramos ou não, em um “mundo paralelo”, um outro Brasil (ou seria rasil como estampou a CNN?), um “Brasil paralelo” onde alguém, de forma trágico-cômica-performática, “dá uma banana” até para o Corona, que a essa altura virou mera fantasia, uma ilusão de óptica. Pergunto: o que desfigura o papel que nos cabe como povo e parte da civilização humana? Alguém tem dúvida de que “estamos vivendo em um “mundo paralelo?”

Como imaginar que as pessoas ditas comuns - sinônimo aqui de trabalhadores e trabalhadoras; aposentados; desempregados; deficientes; idosos -, irão acatar e respeitar uma quarentena voluntária, quando uma farsa trágica e cômica é encenada com apelos de desconstrução de poderes da república? Muitos resistem a este teatro, com roteiro trágico para milhares em todo o planeta, enquanto um “personagem trágico” dirige - eu falei dirige e não governa -, o Brasil em seu “mundo paralelo”.

Em “seu mundo paralelo” não há vírus e, portanto, não há riscos; em seu paralelismo pode-se dar as mãos e abraçar e ainda fazer piada, porque afinal de contas não é a vida real, é de fato parte do “mundo paralelo”, onde tudo se desconstrói, onde um patógeno se desmaterializa, onde até o “vírus” é irreais Já vimos nascer arroubos de “terraplanismo”. Pelo presente e pelo futuro dessa brava gente brasileira, espero que eu esteja completamente errado e que o “mundo paralelo” de onde emergem o desgoverno e o desequilíbrio desapareça. Com os pés na Terra Brasilis, fico na espera de um sinal que a “minha descoberta” do Corona e “mundo paralelo” esteja redonda e planetariamente enganada ...